

## **DISCURSO DO PREFEITO DE ARACAJU, MARCELO DÉDA, NA POSSE DOS SECRETÁRIOS - 07.01.2005**

É sempre um momento de intensa expectativa, aquele que o chefe do Poder Executivo seja ele de que nível for, nomeia os seu auxiliares, distribui as tarefas de governo com técnicos, políticos, companheiros que com ele terão a responsabilidade de conduzir a bom termo a administração pública de um Governo, no nosso caso o Governo da Cidade.

Essa expectativa é mais do que justa, porque nas democracias modernas ninguém mais governa sozinho. A idéia de um todo poderoso chefe do Executivo, a mandar e desmandar, a distribuir ordens e a exigir resultados como se fosse um pequeno Príncipe é uma idéia profundamente ultrapassada da política moderna.

O ato de governar se transformou num ato complexo. Num ato que se continua. Que Deus nos livre que jamais deixe de ser um ato político; e ele é por essência um ato político, e nós democratas estejamos aqui ou alhures, estejamos no governo ou na oposição, não podemos abrir mão do conceito que numa democracia o ato de governo, a ação de governo, é e sempre será um ato ou uma ação, um gesto político. Nós não podemos nos permitir cairmos como já caímos em tempos passados na idéia tecnocrática que o ato de governo é meramente um ato gerencial, se ele fosse um ato gerencial

a democracia teria encontrado no concurso público o melhor instrumento para preencher os cargos do Legislativo e do Executivo.

Mas quando a democracia entregou à sociedade o direito de a partir da disputa democrática escolher os seus titulares dos mandatos, sem dúvida que a democracia quis dizer com clareza que o governo será sempre enquanto a democracia existir um governo político.

Político por quê? Porque um governo que tem os olhares sobre a sociedade, sobre as pressões da sociedade, sobre as contradições do sistema social, sobre a legitimidade da luta social, sobre os conflitos e os confrontos que são a alma mesmo da democracia, a democracia não convive com a paz dos cemitérios, a justiça não é sinônimo de estudante calado, do mesmo modo que o barulho não é sinônimo de razão. É na verdade o enfrentamento entre idéias, entre posicionamentos legítimos que saem as verdades da democracia.

Ela não nasce, a verdade democrática, nem da cabeça do prefeito nem da cabeça do secretário; nem nasce isoladamente de um grupo social. Ela nasce, sobretudo, do processo de enfrentamento, de conflito, mas também do processo de negociação e de construção de um consenso. Por isso, o ato de governar será sempre um ato político.

Mas o ato político por excelência não pode abrir mão ou não pode ignorar a complexidade da gestão, a complexidade da administração pública, a importância de ser utilizado os instrumentos da ciência, da tecnologia para que a vontade política, para que o ato de governo ao fim seja um ato legítimo, mas seja também um ato eficiente e um ato eficaz.

Essa é a grandeza, eu não diria o grande obstáculo mas é um grande desafio da gestão moderna, da administração moderna e do

governo moderno. A capacidade de não esquecer que a origem do governo é popular e que a sociedade é complexa, e que ela é contraditória, e que há conflito no seu seio, e que o político que exerce o papel do legislativo ou no executivo, mas no nosso caso especialmente no executivo, tem que ter em conta que grupos estão em conflitos, que tem que entender que sua principal tarefa é buscar construir um consenso democrático, mas que em muitos momentos ele terá que tomar uma decisão entre as forças em conflitos e essa decisão deve ser tomada em perfeito acordo, em sintonia com o contrato político que ele celebrou com a sociedade. Esse contrato foi construído nos palanques, nas disputas políticas, onde todos expuseram as suas idéias, onde todos defenderam as suas bandeiras e um foi escolhido pela maioria do povo para conduzir aquele programa.

Então, em muitos momentos é preciso que chefe do Executivo tome uma decisão, uma decisão que eventualmente não contempla a todos, uma decisão que eventualmente contraria uma parte, mas sem perder o senso estratégico e a visão global que ele muitas vezes é obrigado a tomar decisões que podem não ser de todas aceitas, mas ele é obrigado a tomar decisão, porque a pior hipótese é a não decisão, é a decisão não tomada, é a decisão empurrada com a barriga, é a ausência da presença do Poder Público na condução ou na solução desse ou daquele conflito, desse ou daquele problema.

Mas eu volto a dizer que para que essas decisões políticas em sua essência, tenham na conta a marca da qualidade, a marca da eficiência e a marca da eficácia. Nenhum governante pode abrir mão dos técnicos, pode abrir mão daqueles que dominam a sua área de

conhecimento, daqueles que têm talento ou vocação muito embora nem sempre tenham diploma respectivo.

É bom lembrar que Celso Furtado não tinha diploma de economista, é bom lembrar que Maria da Conceição Tavares é matemática e não é economista e tantos outros homens e mulheres que se destacaram na vida pública, não em função do papel que guardavam na gaveta, mas do comportamento que tiveram diante do mundo e da forma de como utilizaram o brilho do seu talento.

Mas é fundamental que os governantes tenham nas suas equipes o auxílio da ciência, da tecnologia, da especialização, dos conhecimentos administrativos. É nesse conjunto que a máquina opera, é por esse conjunto que o governo realiza o bem comum, que o governo busca se construir enquanto um ato socialmente legítimo e administrativo e gerencialmente bem executado.

Por tanto, essa expectativa é justa, necessária e importante. E nós tivemos a alegria de na primeira administração termos tido a companhia de tantos companheiros de mais elevada competência, de mais elevada responsabilidade. Muitos que não tinham tido jamais uma oportunidade de revelar o seu talento, de mostrar na prática a sua capacidade de fazer das idéias ações e nós conseguimos fazer isso. Conseguimos no mandato passado permitir que técnicos jovens, que homens e mulheres muitos dos quais vieram como eu vim do movimento estudantil, muito dos quais vieram do movimento sindical, muito dos quais vieram da luta social, mas muito dos quais vieram das academias, das universidades, da dedicação da vida intelectual.

Esse grupo de homens e mulheres foi fundamental para que a administração desse certo. Nós não teríamos colhido o resultado que

nós colhemos se não tivéssemos tido a sorte, se não tivéssemos tido a graça de na hora de escolher a nossa equipe, a primeira delas e depois as que foram aos poucos provocando ajustes, as pessoas certas para ocupar os lugares certos. Esse foi sem dúvida um dos fatos que justificam os resultados que a nossa administração estabeleceu.

Mas ao lado disso, também, nós conseguimos acertar mais e errar menos, porque não confiamos apenas no mandato político que é dado e rediscutido a cada quatro anos ou na competência exclusiva dos nossos técnicos. Nós estabelecemos um dialogo político com a Câmara dos Vereadores, nós estabelecemos uma relação de extrema qualidade com a Câmara dos Vereadores que durante todo o meu primeiro mandato teve a liderança firme, cidadã e cooperativa do vereador Sérgio Góes, aqui presente.

Sem a colaboração da Câmara e sem a compreensão do seu presidente muitas questões não teriam a resolução que nós obtivemos ou iriam pelo caminho do conflito que é importante, que é vital, mas que a perpetuação é a negação da política.

Um conflito permanente sem solução perde em si próprio as suas razões. Toda luta tem um objetivo. Uma luta não se eterniza por mais que os velhos companheiros pelos quais nutro os maiores respeitos, até porque bebi da mesma fonte, os que costumam seguir e referenciar a sua ação pelas reflexões do velho líder russo Levi Abdovich Bronvisk que pregava a Revolução Permanente; o conceito de Revolução Permanente é muito mais complexo do que eu falei aqui rapidamente.

Toda luta tem que ter um destino. O conflito permanente é a negação do próprio conflito. É o conflito pelo conflito. Um conflito expresso. O conflito se resolve, acumula, surgem novos conflitos, são resolvidos, se acumulam e avançam ou muitas vezes vão para trás como a História tem provado recentemente.

Mas é fundamental que a gente compreenda que sem a colaboração da Câmara dos Vereadores nós não poderíamos ter realizado aquilo que realizamos. E eu quero lembrar aqui que na primeira eleição de Sérgio Góes nós apoiamos outro candidato e nem por isso, Sérgio Góes em momento algum confundiu a disputa de um mandato na Câmara com o prejuízo para cidade de Aracaju a ponto de que no segundo mandato de Sérgio Góes nós torcemos intensamente e nossos companheiro de partido inclusive votaram na sua recondução à Casa. Graças ao seu comportamento e a forma como ele se ateve à frente da Câmara, que não é uma forma tímida, muitas vezes quando eu entendia que o Poder Legislativo não estava sendo de alguma maneira atendido, Sérgio Góes se transformava num homem intensamente duro na mesa de negociação. Quando era para preservar as prerrogativas do Poder ele soube, quando foi preciso, travar disputa, mas soube também encontrar conosco a solução da negociação para permitir que os dois Poderes convivessem com autonomia e com independência, mas com harmonia.

Quero pedir ao vice-presidente que transmita essa minha mensagem e a todos os seus colegas que eu tenho perfeita noção do andamento das coisas. Eu tenho posição, costumo dizer que o muro é o pior das posições, quero dizer que muito embora o prefeito tenha que manter a sua compostura e o seu afastamento da disputa intensa

que precede a eleição de uma mesa de Casa parlamentar, o prefeito naturalmente torceu pelo candidato que foi apoiado pela maioria dos vereadores da base que pertencia ao meu partido, o vereador Emanuel Nascimento.

Mas o prefeito tem plena consciência que quem nomeia os secretários sou eu, não abro mão disso, mas quem elege o presidente da Câmara são os vereador e vocês não podem abrir mão disso.

Se vocês acharam que o melhor caminho pela maioria foi eleger o vereador Zeca, foi a vontade majoritária da Casa e eu espero em Deus que essa vontade se traduza não em uma ação de conflito, mas em uma ação de harmonia onde haverá divergências, mas onde nós pelo que nos conceder, por aquilo que nos tocar, por aquilo que for da minha responsabilidade, a nossa luta será para ter uma sadia convivência com o Poder Legislativo lastreado nos princípios da democracia, nos princípios que homenageie o patrão da democracia que é o povo.

O dono da democracia é o povo. E é a ele que nós servimos, tanto no Poder Executivo quanto no Poder Legislativo.

Desejo do fundo do meu coração sucesso para a nova mesa, êxito na ação parlamentar de todos vocês e especialmente para o presidente Zeca que é um homem de fino trato, um homem de extrema gentileza, contra o qual eu não posso dizer nada. Eventualmente não foi aquele candidato naquele momento, mas sem dúvida alguma um homem público jovem que muito tem a oferecer a Aracaju, e eu não tenho dúvida oferecerá.

Quero dizer que assim que a agenda dele se prontiver faço questão de me dirigir à Câmara de Vereadores de fazer uma visita

protocolada ao novo presidente e à nova mesa, como é o meu dever como presidente do Poder Executivo prestar essa homenagem ao presidente do Poder Legislativo.

Quero dizer por fim, que não fora à competência e a lealdade de todos que comigo serviram, não fora à participação cidadã e efetiva da Câmara dos Vereadores nós teremos que reconhecer que além desses importantes instrumentos a nossa gestão passada contou com um instrumento indeclinável, um instrumento novo, mas um instrumento efetivo e valioso, um instrumento que não está perfeito ainda e que eu espero que se aperfeiçoe em cada mandato porque eu não gostaria que amanhã depois de quatro anos de mandato, ou amanhã quando outras forças políticas legitimamente ganharem o Governo da Cidade, eu não gostaria que o povo de Aracaju abrisse mão para ninguém, para nenhum prefeito, fosse do PT ou de que partido fosse do seu direito de se reunir e debater e definir as suas prioridades.

O Orçamento Participativo foi a alma do meu primeiro Governo e esse Orçamento Participativo continuará sendo a essência desse segundo mandato. A primeira recomendação aos meus secretários é total, absoluta, intensa e disciplinada atenção ao coração e a vontade do povo de Aracaju através do Orçamento Participativo, através do congresso da cidade, através do movimento social organizado, seja o movimento sindical, seja o movimento estudantil, seja o movimento popular, todos esses movimentos têm algo a dizer.

Nem sempre nós teremos o sim para dar como resposta, porque a gente aprende com os cabelos brancos, com os calos da alma que governar é muitas vezes dizer mais não do que sim.

Mas nós não podemos em função disso esquecer de que a participação popular é o esteio, é o mourão da cerca, é a cumeeira desse Governo. É nele que se sustentam os nossos esforços de transformação e mudança, a nossa contribuição enquanto geração para um novo estímulo, um novo perfil administrativo para um novo conceito de Governo, para uma nova compreensão da democracia, a democracia que é representativa e não vejo no limiar da história, no horizonte do tempo alguma alternativa que possa garantir a realização democrática sem a representação clássica do voto e do mandato, mas também não vejo como apenas o voto e o mandato periódico podem substituir a energia criadora, a intensa contribuição do povo organizado reunido freqüente e constantemente para discutir as suas prioridades e para deliberar sobre os seus caminhos.

É deste ponto da democracia clássica, aquela que ao correr dos anos tantas mudanças sofreu, mas que na sua essência até como numa homenagem aos gregos no período clássico, está lá protegida pela sombra da acrópole com a expressão grega que lhe deu origem. Ela é válida e fundamental porque lá na origem ela foi assembleista, mas excludente, evoluiu para a representativa também excludente em muitos dos seus tempos, mas hoje nós temos no Brasil uma democracia de massas, ela é vital e fundamental, sem ela não há como conduzir o destino desse povo.

A democracia hoje é valor universal, é valor intrínseco da história da civilização brasileira, preservar e defende-la contra qualquer ataque ou concepção que a menospreze é nosso dever, mas a melhor forma de preservá-la é compreender que ela precisa da oxigenação freqüente no povo mobilizado e do cidadão, não apenas nos

interlúdios eleitorais, mas, sobretudo, no conseqüente cotidiano conviver do povo com a sua cidade, do cidadão com a sua voz.

Por isso, aos secretários eu estabeleço como primeira determinação uma relação conseqüente com a câmara de vereadores que é poder legislativo que é dever nos fiscalizar.

Os vereadores, independentes dos partidos a quem pertençam tem mandato para fiscalizar, deve ser recebido com as honras de praxe, devem ser recebidos como autoridades do município, como co-governante da cidade, recebidos naturalmente com todo respeito e com toda transparência e com toda a necessidade de informação que eles levarem.

Obviamente que os vereadores de Aracaju terão a tradição democrática, o respeito à cobrança intensa, mas educada porque não há uma lei que obrigue a ninguém a levar desaforo nem de um lado nem de outro, mas a relação cidadã, civilizada ela tem que existir e é uma recomendação do prefeito a todos os seus secretários.

Receber os senhores vereadores com todo respeito, com toda dedicação aos pleitos e as reivindicações que eles trazem em nome do povo, que com toda consideração ao seu dever de fiscalização oriundo mesmo do mandato constitucional que eles exercem. E também ouvir a sociedade, levar em conta como se a ordem do prefeito fosse diretamente emanadas as deliberações do Orçamento Participativo, dos Conselhos dos Controles Sociais, dos congressos, das atividades de participação popular que são freqüentes na nossa cidade.

Despeço-me de todos vocês, deixando para os meus secretários mais um recado: Nós somos uma equipe e toda equipe tem um líder.

A liderança não é atributo de vaidade, de vontade de ficar mais alto do que ninguém.

No caso da política a liderança é um atributo popular, é um atributo do povo. O povo não entregou a responsabilidade a cada um dos secretários, o povo entregou responsabilidade política a Marcelo deda e Edvaldo Nogueira, a luta democrática decidiu que eu seria o prefeito. Eu não posso sob pena de trair o povo abrir mão da minha autoridade e da minha responsabilidade.

A prefeitura e a administração municipal têm um chefe. Chefe que ouve, chefe que nem sempre tem razão, um chefe que gosta do debate e admira o diálogo, mas um chefe que vai exigir de cada um dos seus companheiros lealdade e uma relação democrática, mas dentro dos parâmetros da administração de gerenciamento. Segundo, nós somos uma equipe e temos unidade política, nós estamos no mesmo projeto, nós queremos o mesmo fim, secretário não disputa com secretário.

A administração é um conjunto, quando um secretário às vezes ansioso por mostrar o seu serviço passa na frente do seu colega ou boicota ou se esquece da integração necessária, ele está trabalhando com o prefeito.

Quando um secretário combate outro, ele está combatendo em primeiro lugar o prefeito, e quem combate o prefeito não pode ficar na equipe. E eu sei que todos trabalharão com uma única mentalidade, união, unidade política e unidade administrativa.

Eu sei que em 2006 tem eleição, mas eleição tem sua hora. Nenhuma secretaria será palanque de nenhum projeto político

individual. Todas as secretarias estão a serviço do povo de Aracaju e do projeto coletivo que o prefeito e vice representam.

Só lhes peço cuidado, porque nem o prefeito ousará confundir as suas tarefas de administração com possíveis sonhos eleitorais que possam estar guardados no último andar da sua alma atribulada, da sua alma culpada. Esses sonhos se existirem terão tempo e muito tempo para se realizar.

2005 é um ano de trabalho, é um ano de cumprir prazo, é um ano de realizar obra, de melhorar serviço, de aperfeiçoar o sistema de políticas sociais, de levar na ponta os bairros onde o povo precisa da ação e da presença da prefeitura. 2005 não é ano de eleição. Em 2005 a prefeitura tem que trabalhar e trabalhar muito e trabalhar direito, sem se precipitar, sem botar carros na frente dos bois. (aplausos!)

Ninguém me ajudara tomando uma decisão, porque 2006 vai ter eleição e pode ser que Déda saia para se candidatar. Não vão me ajudar se fizer isso. Tudo tem seu tempo diante do sol. Não há porque nos precipitarmos. Há um tempo para tudo. Nosso tempo chega quando tem que chegar. Quando não é hora ele não chega.

Então, vamos ter paciência, vamos trabalhar focados nos objetivos estratégicos da administração que serão passados em reunião que está marcada para segunda-feira. Teremos a nossa primeira reunião de secretariados. Ainda em janeiro pretendemos fazer um seminário de planejamento estratégico para que nós possamos adequar as diretrizes políticas às macrodiretrizes com detalhamento da ação de cada pasta sem perder a referência e sem perder a capacidade de trabalharmos juntos.

Eu tenho certeza que nós seremos capazes de enfrentar esse desafio, ninguém dos que ficaram tem o direito de se conformar com o que já está feito. Ninguém dos que aqui estão, porque tem uns que estão na administração, pode se sentir satisfeito com o que já produziu. Nós temos a tarefa de superarmos o que já fizemos, os novos e os atuais. Não haverá novo nem atual na cobrança do prefeito. Todos serão cobrados da mesma forma. Então, não pode haver nenhuma dúvida com relação a isso. Nós podemos melhorar e nós devemos melhorar, porque se não fizermos isso não estaremos a altura daquilo que o povo de Aracaju espera de cada um de nós e principalmente daqueles que foram eleitos.

São essas primeiras recomendações, são esses primeiros desejos que eu transmito para vocês. Espero em Deus que todos sejam abençoados, que todos tenham saúde, coragem, disposição, paciência para que nós possamos cumprir as tarefas de realizar não apenas os nossos sonhos, mas primeiramente o sonho de uma cidade que se fez sesquicentenária e que quer nos seus 150 anos se mirar no espelho, verá problemas, verá rugas, verá cicatrizes, mas o que a cidade não pode em momento algum duvidar é que nós estamos trabalhando intensamente, cotidianamente para fazê-la melhor, para fazê-la mais bela e, sobretudo mais justa.

Viva Aracaju!

Que Deus abençoe a todos. (aplausos!)